



RESILIÊNCIA ENTRE DISCENTES DE ENFERMAGEM DE UMA UNIVERSIDADE FEDERAL: UM ESTUDO TRANSVERSAL

Autores(as): DOUGLAS DE ARAÚJO COSTA; MARIANA ARAUJO RIOS; ISAQUE LIMA DE FARIAS; ANNA LUÍSA DE OLIVEIRA PARNAÍBA; AURÉLIO VASCONCELOS MARTINS; BIANCA DA SILVA BARBOSA; FRANCISCA SEMIRAMES DE SOUSA SILVESTRE; GEORGE LUCAS FEITOSA ROLIM DE PAULA; JHAMYLE DE OLIVEIRA RODRIGUES; KAYLANE MORAIS RIBEIRO; MELISSA BEZERRA MACHADO; MARCOS MANOEL SOUSA SILVA; BEATRIZ AMORIM BELTRÃO; PRISCILA DE SOUZA AQUINO; SAMILA GOMES RIBEIRO.

Tutor(a): PAULA SACHA FROTA NOGUEIRA;

petenfermagemufc25@gmail.com;

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL DE ENFERMAGEM - PET ENFERMAGEM;
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC

RESUMO: Estudo transversal, quantitativo, que objetivou mensurar os níveis de resiliência entre estudantes de enfermagem de uma universidade federal. A coleta de dados utilizou um questionário estruturado que contemplou variáveis sociodemográficas, acadêmicas e de saúde, aplicado a 100 discentes. A análise, mediante teste t de *Student* ($p < 0,05$), revelou perfil predominante por sexo feminino, baixa renda e residente na capital. Entretanto, os escores médios de resiliência foram significativamente superiores entre os homens e entre os residentes no interior. Variáveis como raça/etnia, renda, orientação sexual, religião, relacionamento afetivo e período do curso não apresentaram associação significativa com a resiliência. Concluiu-se que fatores socioculturais, como gênero e contexto de origem, influenciam na capacidade de enfrentamento dos estudantes. A compreensão desses fatores é crucial para o desenvolvimento de estratégias institucionais do PET que promovam a saúde mental e a resiliência na formação em enfermagem.

Palavras-chave: Resiliência Psicológica; Saúde Mental; Estudantes de Enfermagem.

RESILIENCE AMONG NURSING STUDENTS AT A FEDERAL UNIVERSITY: A CROSS-SECTIONAL STUDY

ABSTRACT : A cross-sectional, quantitative study aimed to measure resilience levels among nursing students at a federal university. Data collection used a structured questionnaire encompassing sociodemographic, academic, and health variables, administered to 100 students.



Analysis via Student's t-test ($p < 0.05$) revealed a predominantly female, low-income profile among students residing in the state capital. However, mean resilience scores were significantly higher among male students and those who live in the country's interior. Variables such as race/ethnicity, income, sexual orientation, religion, romantic relationship, and stage of the course showed no significant association with resilience. It is concluded that sociocultural factors, such as gender and origin context, influence the coping capacity of these students. Understanding these factors is crucial for developing PET institutional strategies that promote mental health and resilience in nursing education.

Keywords: Resilience, Psychological; Mental Health; Students, Nursing.

Introdução

A transição do ambiente escolar para a trajetória no ensino superior é um período de grandes mudanças, uma vez que fatores próprios da vida acadêmica, como o maior grau de exigência curricular e a inserção no mercado de trabalho, são preocupações frequentes entre os estudantes (Souza *et al.*, 2020; Shen, 2024). Além disso, modificações na vida pessoal, como a transição da adolescência para a vida adulta, a adequação de uma nova rotina e as pressões socioeconômicas, interferem no bem-estar (Souza *et al.*, 2020).

Essas múltiplas exigências, tanto internas quanto externas ao ambiente universitário, podem comprometer a integridade emocional e psicológica dos estudantes, especialmente daqueles inseridos em cursos que lidam diretamente com o cuidado humano, a exemplo da Enfermagem (Sousa *et al.*, 2022). A resiliência configura-se, por sua vez, como um importante mecanismo de enfrentamento das adversidades, permitindo a adaptação dos sujeitos às pressões do cotidiano e a obtenção de resultados desenvolvimentais esperados, conforme proposto por Masten e Coatsworth (1995), Luthar, Cicchetti e Becker (2000).

O acompanhamento dos níveis de resiliência, o qual funciona como fator de proteção contra o estresse e o esgotamento, permite mensurar a qualidade da saúde mental dos universitários, bem como pode indicar uma crescente vulnerabilidade aos desafios psíquicos à medida que os alunos progridem no curso (Martinez *et al.*, 2025). Esse cuidado torna-se ainda mais urgente considerando que a maioria dos estudantes apresentou sintomas de transtornos mentais comuns, como medo, choro, tensão e insônia, evidenciando a necessidade de políticas institucionais que promovam o bem-estar psicológico (Andrade *et al.*, 2025).

O desenvolvimento deste estudo vincula-se às ações do Programa de Educação Tutorial (PET) Enfermagem da Universidade Federal do Ceará, alinhando-se aos princípios do PET de integração entre ensino, pesquisa e extensão (Brasil, 2006). A proposta surge do compromisso do grupo em promover a formação global dos discentes e aprimorar o ambiente acadêmico por meio da investigação científica. Ao realizar pesquisas voltadas aos próprios estudantes do curso, o PET Enfermagem busca compreender e fortalecer aspectos que influenciam a permanência, o bem-estar e o desempenho dos discentes, contribuindo, assim, para o aprimoramento individual e coletivo, em consonância com os objetivos institucionais de qualidade da graduação e de formação cidadã preconizados pelo programa.



Diante desse cenário, é importante relacionar as vivências acadêmicas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, em especial ao ODS 3, que trata da promoção da saúde e do bem-estar em todas as fases da vida (ONU, 2015). A saúde mental dos universitários, muitas vezes negligenciada, é essencial para o bom desempenho acadêmico, a redução da evasão e a formação de profissionais qualificados.

Método

Trata-se de um estudo observacional, transversal e quantitativo, vinculado ao Programa de Educação Tutorial (PET) da Universidade Federal do Ceará (UFC), realizado entre junho de 2024 e junho de 2025. A população foi composta por estudantes de Enfermagem regularmente matriculados, selecionados por conveniência. O instrumento utilizado para mensurar o desfecho foi a Escala de Resiliência (RS), composta por 25 itens em escala *Likert* de sete pontos, com escores totais variando de 25 a 175, em que os maiores valores indicam maior nível de resiliência.

A coleta de dados ocorreu por meio de questionário estruturado, aplicado presencialmente e/ou em formato eletrônico, contemplando variáveis sociodemográficas, acadêmicas e de saúde. Para o presente resumo, foram consideradas especificamente as variáveis de identidade de gênero, raça/etnia, relacionamento amoroso-afetivo, período do curso, religião, orientação sexual, renda per capita familiar e local de moradia, em sua relação com o escore total da Escala de Resiliência (Wagnild; Young, 1993; Deep; Leal, 2012).

Os dados foram tabulados e analisados no *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 26.0. Para as comparações de médias dos escores de resiliência entre os grupos, foi aplicado o teste t de *Student* para amostras independentes, considerando significância estatística de $p < 0,05$. Foram apresentados valores de média, erro padrão da média (EPM) e p-valor.

O estudo seguiu todos os preceitos éticos estabelecidos pela Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, tendo sido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFC sob parecer de número 6.309.085. Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assegurando confidencialidade, anonimato e autonomia (Rouquayrol; Gurgel, 2018; Polit; Beck, 2019).

Resultados e Discussão

A amostra do estudo foi composta por 100 estudantes de Enfermagem. A estatística descritiva e analítica é apresentada na tabela 1. Em relação à identidade de gênero, a maioria dos participantes era do sexo feminino, representando 87% (n=87) da amostra, enquanto 13% (n=13) eram do sexo masculino. Quanto à raça/etnia, 40% (n=40) dos estudantes se identificaram como brancos e 60% (n=60) como não brancos. A renda per capita familiar mostrou que 91,3% (n=84) dos participantes possuíam renda de até 1,5 salário mínimo, e 8,7% (n=8) tinham renda superior a 1,5 salário mínimo. No que diz respeito à orientação sexual, 69% (n=69) eram heterossexuais e 31% (n=31) se identificaram como LGBTQIAPN+. A maioria dos estudantes, 82% (n=82), residia na capital, enquanto 18% (n=18) moravam no interior. Em



relação à religião, 77% (n=77) afirmaram possuir alguma religião, e 23% (n=23) não. Sobre o relacionamento amoroso-afetivo, 64% (n=64) dos estudantes estavam em um relacionamento, e 36% (n=36) não. O período do curso foi dividido entre 47% (n=47) no ciclo básico e 53% (n=53) em estágios ou internato.

Tabela 1 – Comparação do escore da escala de resiliência em discentes de Enfermagem (n= 100)

Variável	n (%)	Média	ERP*	p-valor teste t de Student
Identidade de gênero				
Mulher	87 (87)	118,6	2,281	0,019
Homem	13 (13)	133,46	5,003	
Raça/Etnia				
Branca	40 (40)	116,75	3,004	0,150
Não branca	60 (60)	123,05	2,926	
Renda Per Capita Familiar				
Até 1,5 salário mínimo	84 (91,3)	119,67	2,336	0,843
Superior a 1,5 salário mínimo	8 (8,7)	121,25	8,213	
Orientação sexual				
Hetero	69 (69)	119,48	2,644	0,466
LGBTQIAPN+	31 (31)	122,87	3,636	
Local de moradia				
Interior	18 (18)	131,78	3,514	0,013
Capital	82 (82)	118,06	2,417	
Possui religião				
Não	23 (23)	117,52	3,962	0,445
Sim	77 (77)	121,43	2,519	
Relacionamento amoroso afetivo				



INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E DIREITOS HUMANOS: DESAFIOS ÉTICOS PARA O SÉCULO XX

Não	36 (36)	118,83	3,907	
Sim	64 (64)	121,48	2,537	0,555
Período do curso				
Ciclo básico	47 (47)	123,45	2,650	
Estágios ou internato	53 (53)	117,94	3,267	0,201

*Erro padrão da média

Fonte: O próprio autor (2025).

Os resultados do teste t de *Student* para amostras independentes revelaram diferenças estatisticamente significativas nos escores de resiliência em algumas variáveis, enquanto em outras não se observaram diferenças relevantes. Para a identidade de gênero, obteve-se $p = 0,019$, indicando diferença significativa entre homens e mulheres: os estudantes do sexo masculino apresentaram média de resiliência de 133,46, superior à média de 118,6 observada entre as mulheres. Em relação ao local de moradia, o p-valor de 0,013 apontou diferença significativa entre os residentes do interior (média = 131,78) e da capital (média = 118,06), evidenciando maior resiliência entre os primeiros. Nas demais variáveis, os p-valores foram superiores a 0,05, não indicando diferenças estatisticamente significativas: raça/etnia ($p = 0,150$), renda per capita familiar ($p = 0,843$), orientação sexual ($p = 0,466$), possuir religião ($p = 0,445$), relacionamento amoroso-afetivo ($p = 0,555$) e período do curso ($p = 0,201$). Esses achados sugerem que tais fatores não exerceram influência significativa sobre os níveis de resiliência na amostra estudada.

A análise estatística revela um perfil sociodemográfico predominantemente feminino, de baixa renda e que reside na capital. Porém, as análises demonstram que, apesar de ser uma população majoritariamente feminina, os homens apresentaram níveis maiores de resiliência. Este achado pode estar relacionado à divergência no *modus operandi* de gêneros, assim fatores culturais e sociais podem influenciar a forma como homens e mulheres expressam ou percebem sua capacidade de adaptação e superação, aspectos que refletem distintos modos de enfrentamento e regulação emocional (Erdogan; Ozdogan; Erdogan, 2015; Sojer, *et al.*, 2024).

Ademais, outra variável refere-se à residência dos estudantes, com maiores níveis de resiliência observados entre aqueles do interior. Esse resultado pode estar associado a aspectos socioculturais e experiências de vida em contextos mais desafiadores, que frequentemente demandam maior autonomia e enfrentamento de dificuldades estruturais. Tal perspectiva é corroborada por estudos que indicam que estudantes em contextos rurais tendem a apresentar maior resiliência e habilidades de enfrentamento devido à necessidade de adaptação a desafios cotidianos (BURGIS-KASTHALA *et al.*, 2018).

Por outro lado, variáveis como raça/etnia, renda, orientação sexual, religião, relacionamento afetivo e período do curso não apresentaram diferenças significativas nos níveis de resiliência, sugerindo que, nesta amostra, não exerceram influência determinante, embora a ausência de significância não descarte possíveis relações.



Conclusões

O estudo evidenciou diferenças significativas nos níveis de resiliência entre discentes de Enfermagem, especialmente quanto à identidade de gênero e ao local de moradia, indicando que fatores socioculturais influenciam a capacidade de enfrentamento das adversidades. Esses resultados reforçam o papel do PET como espaço de investigação e intervenção no ambiente acadêmico, favorecendo a criação de estratégias voltadas ao fortalecimento da saúde mental e à construção de competências resilientes entre os estudantes. Atividades como rodas de conversa, oficinas de autocuidado, grupos de apoio emocional e ações extensionistas de integração entre discentes podem, portanto, contribuir para o aprimoramento individual e coletivo mencionado na introdução, consolidando o compromisso do PET com a formação integral e o bem-estar estudantil.

Agradecimentos

Os autores agradecem ao FNDE/MEC pelo apoio institucional por meio das bolsas concedidas ao Programa de Educação Tutorial em Enfermagem da Universidade Federal do Ceará (PET Enfermagem/UFC).

Referências

ANDRADE, J., *et al.* Prevalência de transtornos mentais comuns em acadêmicos da área da saúde de uma universidade pública de Goiânia – Goiás. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, [s. l.], v. 25, 21 maio 2025. DOI: <https://doi.org/10.25248/reas.e18505.2025>. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/18505>. Acesso em: 7 out. 2025.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Manual de Orientações Básicas – PET/2006**. Disponível em: <https://prograd.ufu.br/sites/prograd.ufu.br/files/media/documento/petmanual.pdf>. Acesso em: 14 out. 2025.

DEEP, C. A. F. C.; LEAL, I. P. Adaptação da “The Resilience Scale” para a população adulta portuguesa. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 417-433, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642012005000008>.

ERDOĞAN, E.; ÖZDOĞAN, O.; ERDOĞAN, M. University students’ resilience level: the effect of gender and faculty. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, v. 186, p. 1262–1267, 2015. DOI: 10.1016/j.sbspro.2015.04.047.

MARTINEZ, W., *et al.* Mental Health and Resilience in Nursing Students: A Longitudinal Study. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, [s. l.], v. 22, n. 5, 6 maio 2025. DOI: <https://www.mdpi.com/1660-4601/22/5/735>. Disponível em: <https://www.mdpi.com/1660-4601/22/5/735>. Acesso em: 7 out. 2025.



SOUZA, F. O. *et al.* Estresse e resiliência em discentes de enfermagem de duas universidades públicas paulistas. **Revista de Enfermagem da UFSM**, ed. 10, 6 jan. 2020. DOI: <https://doi.org/10.5902/2179769234162>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/34162>. Acesso em: 7 out. 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - ONU. **Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustentavel>.

POLIT, D.; BECK, C. T. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem: avaliação de evidências para a prática da enfermagem**. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

ROUQUAYROL, M. Z.; GURGEL, M. **Epidemiologia & saúde**. 8. ed. Rio de Janeiro: Medbook, 2018.

SHEN, YANG. Academic resilience in nursing students: a concept analysis. **BMC Nursing**, [s. l.], 9 jul. 2024. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12912-024-02133-2>. Disponível em: <https://bmcnurs.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12912-024-02133-2>. Acesso em: 7 out. 2025.

SOJER, P.; KAINBACHER, S.; HÜFNER, K.; KEMMLER, G.; DEISENHAMMER, E. A. Trait emotional intelligence and resilience: gender differences among university students. **Neuropsychiatr**, v. 38, n. 1, p. 39-46, mar. 2024. DOI: 10.1007/s40211-023-00484-x.

SOUZA, F., *et al.* Prevalence of anxiety in nursing students at a higher education institution. **Research, Society and Development: Health Sciences**, [s. l.], v. 11, ed. 3, 17 fev. 2022. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i3.26338>. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/26338>. Acesso em: 7 out. 2025.

URGIS-KASTHALA, S.; ELMITT, N.; MOORE, M. How does studying rurally affect peer networks and resilience? A social network analysis of rural- and urban-based students. **Australian Journal of Rural Health**, v. 26, n. 6, p. 400-407, dez. 2018. DOI: 10.1186/1745-2974-26-6.

WAGNILD, G. M.; YOUNG, H. M. Development and psychometric evaluation of the resilience scale. **Journal of Nursing Measurement**, New York, v. 1, n. 2, p. 165-178, 1993.